Sabbado 11 de Março de 1916

REI MORTO, REI POSTO

A Crise — Agora, quem volta a empunhar o sceptro sou eu.

MEDICINA EM PILULAS

Os filhos dos ricos não herdam nunca a gotta dos paes, si não herdam sua fortuna... — DR. BROWN.

•

Nos quartos das creanças, nada de tapetes nem tapeçarias. — DR. M. DE FLEURY.

•

O uso moderado do fumo é mais util que desvantajoso, não passando, porém, de 20 grammas por dia. — DR. MONIN.

Nunca se observou a tuberculose no carneiro nem na cabra. L. MANGIN.

•

Sêde medicos de vós mesmos: sobriedade e beber agua. — HOFFMANN.

•

Os dyspepticos não devem comer fructos cozidos. — A. MARTINET.

•

O tomate é um fructo que convem particularmente aos arthriticos e aos rheumaticos. — ARM. GAUTIER.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 15$000 | SEMESTRE 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . . 300 Rs. — ESTADOS . . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 403 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 11 — MARÇO — 1916 — ANNO IX

DEPOIS DO CARNAVAL

Quem se atreve a abordar complicados casos politicos no fim de uma semana que nos trouxe as alegrias bacchicas da terça-feira gorda e atirou sobre todas as vastidões brasileiras as preces purificadoras e a agua benta catholica da quarta-feira de cinzas? Quando principiamos a formular essa grave interrogação inconsequente pretendiamos respondel-a com uma palavra de negação imperiosa: — ninguem! Agora, porém, fazemos como os politicos de idéas: — mudamos de opinião e respondemos com segurança que, no fim da semana de Carnaval, todos os chronistas politicos, arriscando-se a não serem lidos, escreverão succulentos artigos politicos.

Não é de extranhar que se trate de politica em tempo de Carnaval, por que a nossa politica, apezar da clareza das ambições pessoaes que a dirigem, é, pela sua espessa confusão cahotica, um perfeito Carnaval sem outra mascara que não seja a da hypocrisia.

A semana carnavalesca arrastou os seus dias cheia de confusões alegres e misturas tragicas. Na imprensa, por exemplo, tivemos, no domingo de Carnaval, occupando onze columnas do *Jornal do Commercio*, um vasto estudo da pintura brasileira assignado pelo sr. Laudelino Freire e certamente lido com a maior attenção, ao trom do zé-pereira, pelos pensabundos carnavalescos cariocas.

Houve, no corpo diplomatico extrangeiro, esplendidas metamorphoses. Para banir do seu espirito a importuna sombra dos seus compatriotas afundados com os navios torpeados pelos beligerantes europeos, o embaixador americano offereceu em Petropolis, á sociedade brasileira, uma festa na qual, modificando os habitos da embaixada, introduzio a fartura em materia de comes e bebes. Os bebes, sobretudo, foram tão abundantes que um esperançoso encarregado de negocios que surgira vestido de mandarim, num abrir e fechar d'olhos appareceu phantasiado de *páo d'agua*.

O honrado Presidente da Republica aproveitou a opportunidade para apparecer ao paiz tal qual é: — durante uma semana, do dia da sua partida á hora do seu regresso, ignorou, marcou e transferio a data de sua difficil sahida dos encantos mineiros de Itajubá para a balburdia cosmopolita do Rio de Janeiro.

Os representantes das nações em guerra, suspendendo a bisnaga, interrompendo uma batalha de confetti, entre uma taça de champagne e um pulo de tango, mandavam aos jornaes, em nome de seus governos, interessantes communicações pelas quaes todos inferimos que em todos os continentes, menos no nosso, havia quem pelejasse a ferro e a fogo e morresse heroicamente emquanto nós, deixando a patria morrer chupada pelas sangue-sugas que a desgovernam e nos dominam, dançavamos e pulavamos nas ruas, com um pedaço de carne secca no bucho e com uma passagem de bonde no bolso.

Ha, talvez, algum excesso no vigor desta generalisação como talvez haja alguma desordem nas idéas e periodos constitutivos desta chronica.

Tal excesso e tal desordem são comprehensiveis. Não ha um homem de bom senso que, tendo passado quatro dias maluco, ao recuperar o seu juizo não tenha o cerebro confuso, cheio de pensamentos terrificos: — esse é o caso do leitor.

! ?

Como te foste, amigo leitor? Bem. E' verdade, tu, como eu, atravessaste com felicidade o festivo diluvio do Carnaval.

Fomos bem, muito bem, eu e tu.

Tu, pae de uma linda donzella casadoira, foste parar á delegacia porque, com a brutalidade da tua bengala, coçaste as costas de um janota que quiz fazer cocegas na tua filha; tu, esposo de uma graciosa burguesita, perdeste tres dentes quando recebeste na bocca o murro que provocaste com a tua intolerancia de marido ciumento fazendo opposição a que lhe belisquem a esposa; tu, viuvo, perdeste um olho vasado pelo fragmento de vidro dos teus oculos, quebrados pela estupidez de uma viuva que deu má interpretação ás tuas respeitosas apalpadellas; tu, noivo de uma guapa morena, perdeste a tua noiva reconquistada por um dos seus antigos namorados que lhe appareceu vestido de arlequim; tu, amigo, déste cascudos e levaste ponta-pés, bailaste nos clubs e protestaste no xadrez, foste atropellado por automoveis e gastaste numa hora o que não ganhaste num anno... Tu, amigo, foste muito bem.

Com teu olho de Judeu,
Com teu bonnet de chauffeur,
Calças, fazendo-as gemer,
Botas que o diabo perdeu.

Não te invejo. Não fui á delegacia mas tambem não achei quem me coçasse as costas, porque não cocei a filha de ninguem. Não recebi nenhum murro na bocca e nem me oppuz a que beliscassem a minha esposa, porque não a tenho. Não perdi um olho porque não uso oculos e não sou viuvo e nem palpei viuvas pudibundas. Não fiquei sem noiva reconquistada por antigos namorados porque felicidades dessas são excessivas e não occorrem a um ser predestinado ao captiveiro matrimonial. Não dei nem levei cascudos, não escouceei na policia nem fui atropellado por automoveis, mas, como tu, gastei em tres noites o que não ganhei em tres annos. Fui, por consequencia, muito bem.

Eu e tu, leitor, gastando em horas o que não ganhamos em mezes, cumprimos o nosso dever e procedemos como dignos brasileiros. De hoje, até quem sabe quando, estamos encalacrados como o nosso paiz e, somos, portanto, dois brasileiros diante dos quaes não se fala impunemente da cahotica desordem financeira do Brasil.

Embora, em furia, me escaches,
Sob nuvens de confetti,
Direi que és Deus dos apaches,
Tyranno da gigolete.

— Meu amigo, sem dinheiro não se faz cousa alguma.

— Quem te disse isto? Fazem-se coisas estupendas.

— ? ? ?

— Fazem-se dividas.

Uma commissão de commerciantes e funccionarios que vivem do thezouro, vae pedir ao Ministro da Fazenda que, com os sobejos do Carnaval, mande pagar as contas e os honorarios atrazados. Sendo certo que o Ministerio da Fazenda não tomou parte no Carnaval, não ha sobejos do Carnaval e, por consequencia, não ha com que satisfazer o anciosо desejo dos apertados negociantes e dos comprimidos funccionarios que são cadaveres do Estado.

Rei de bolia de carro.
Chefe de alegre pandilha.
— Que te queime esse cigarro;
Que te enforque essa mantilha.

CARETA

Uma rapariga — era uma linda rapariga — teve a idéa original de phantasiar-se de Victoria e com os seus bellos trajes symbolicos de que banira qualquer insignia allusiva a este ou aquelle dos estados belligerantes, appareceu nos clubs e nas ruas desencadeando sobre a formosura fragil da sua cabecita mascarada, freneticas tempestades de enthusiasmo. Ao cahir da tarde, passando pela rua Chile, brilhou aos olhos dos austriacos que sahiam do seu restaurante nacional. Sendo ella a Victoria, os austriacos não tiveram duvida — era a Austria e, por isso, deram-lhe uma grande salva de palmas. Ao anoitecer, entrou no cinematographo Pathé, onde fumava cachimbo uma quadrilha loira de inglezes. Vendo uma mulher vestida de Victoria, os inglezes logo entenderam que essa mulher não podia deixar de ser a Inglaterra e desandaram a cantar, sem musica, o *Good save the King*. Sahindo do cinema, a bella mascarada foi á velha *brasserie* do Jocob. Quando a viram naquelle sitio, os allemães raciocinaram: «esta rapariga vestida de Victoria não pode deixar de symbolisar a Allemanha» e, assim raciocinando, ergueram os chopps e cantaram o *Deutschs uber alles*. A's onze horas da noite, depois de ter percorrido triumphante as ruas centraes da cidade a linda carnavalesca mostrou a sua phantasia suggestiva no salão de um club. Quando, no club, sob a luz, appareceu a sua graciosa figura, um lusitano bradou: «Alas, alas, é a Victoria.» Logo, cem francezes gritaram: «La Victoire? C'est la France! Vive la France!» e os compassos heroicos da Marselheza cadenciaram a marcha da travessa dama velada... Graças á sua idéa e á sua phantasia, a linda rapariga teve o seu grande momento de gloria e causou enthusiasmos que não accenderia com a força unica de sua lindeza, e, depois de ter sido saudada pelos applausos de quatro povos, depois de ter encarnado quatro grandes nações, depois de ter ouvido em sua honra os hymnos que levam quatro bandeiras á guerra, vulgarmente, com dois dedos de alcool na cachola, acabou a noite no pobre quarto de um pobre toucador de trombone, a quem ama emquanto não mudar de afeição.

?

Sabemos que algumas pessôas distinctas, durante os dias de Carnaval, foram arbitrariamente mettidas no xadrez, por attentados ao pudor.

Como amigos da tradicção, protestamos com energia diante dessa injuria feita aos mantenedores das praxes vis do Carnaval.

A policia não devia ter prendido a esses distinctos cavalheiros: devia tel-os promovido a eunuchos.

O homem nasce para a paz e para a verdade. São as más leis que o corrompem. — SAINT-JUST.

Immobilisado

— O' xentes!... Querem ver que eu enguicei?...

ARCHIVO UNIVERSAL

Os TELEPHONES DOS «ARRANHA-CÉOS». — Existem actualmente em Nova York cinco edificios «arranha-céos» que possuem, cada um d'elles, mais assignantes de telephones que varias cidades da Europa ou America do Sul.

São, por ordem de tamanho : o *Singer Building*, que contem 400 kilometros de fios telephonicos e 1.309 assignantes ; o *City Investing Building*, com 600 kilometros de fios e 1.660 assignantes ; o *Broad Exchange Building*, com 650 kilometros de fios e 1.600 assignantes ; o *Metropolitano Life*, com 800 kilometros de fios e 2.600 assignantes ; e, finalmente, o *Hudson Terminal*, que possue nada menos de 1.000 kilometros de fios e 3.000 assignantes.

* * *

PLANTA COM RAIOS LUMINOSOS. — Cada dia os botanicos nos revelam novas curiosidades do mundo vegetal. Depois da planta carnivora e da planta balão, temos a *oropé* (nome que lhe dão os indigenas) a qual desprende raios luminosos.

Póde-se encontral-a em S. Joaquim, Estado de S. Paulo. Este vegetal irradia, durante a noite, raios luminosos que dão claridade sufficiente para se ler jornal. Os habitantes de S. Joaquim recolhem essas plantas e collocam em vasos que gurdam em seus quartos.

* * *

SINOS MONUMENTAES. — Os mais celebres sinos do mundo são os seguintes : o *Trindade*, de Moscow, que pesa 67.082 kilos ; o *Metropolitano*, tambem de Moscow, com 64.000 kilos ; o *Imperial*, de Colonia, com 28.000 ; o *Savoyarde*, do Sacré-Coeur, de Montmartre, em Pariz, com 16.388 ; o *Emmanuel*, de Notre Dame de Pariz, com 12.000 ; o de Notre Dame de la Garde, de Marselha, com 8.500 ; o *Clemena*, de Genebra, com 2 070.

O *Imperial*, de Colonia, foi fundido com o bronze de alguns canhões francezes tomados pelos allemães na guerra de 1870 ; mas nunca foi collocada, por temor de um desabamento.

* * *

MULHERES DETECTIVES. — Numerosas mulheres detectives existem actualmente nos Estados Unidos onde, como se sabe, o feminismo tem conseguido mais successo do que em qualquer outra parte. No corpo de segurança de Chicago, por exemplo, ha um verdadeiro regimento de agentes policiaes do bello sexo.

Para serem admittidas neste regimento feminino é necessario que as candidatas satisfaçam a certas exigencias regulamentares, quanto á edade, altura e peso. Não devem ter mais de cincoenta annos nem menos de vinte e cinco ; não devem ter nem menos de 1m.52 de altura, nem mais de 1m.58 ; precisam não pesar mais de 70 kilos nem menos de 48.

CINZAS

Uma bocca de fogo mascarada resiste aos ataques de... Champagne.

Aspecto da Avenida no domingo

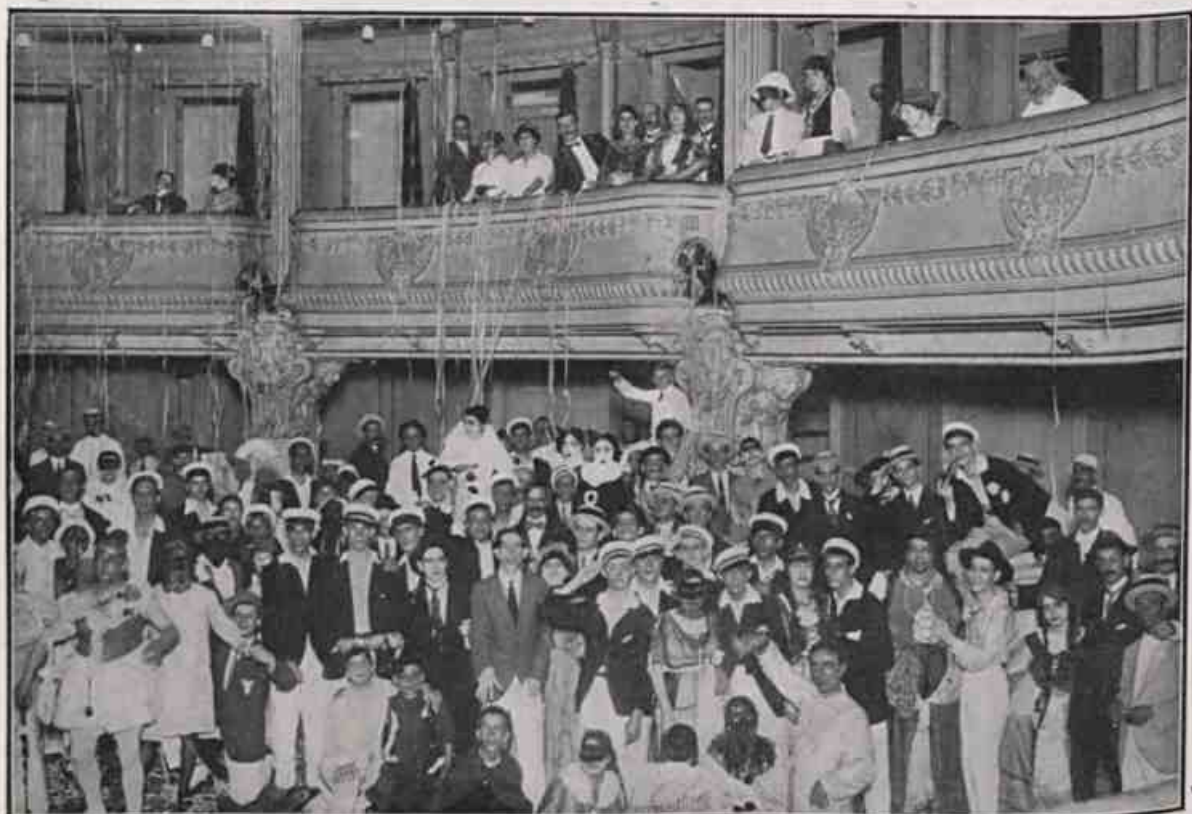
CARNAVAL

Baile da Embaixada Americana, em Petropolis

No Club Gymnastico Portuguez

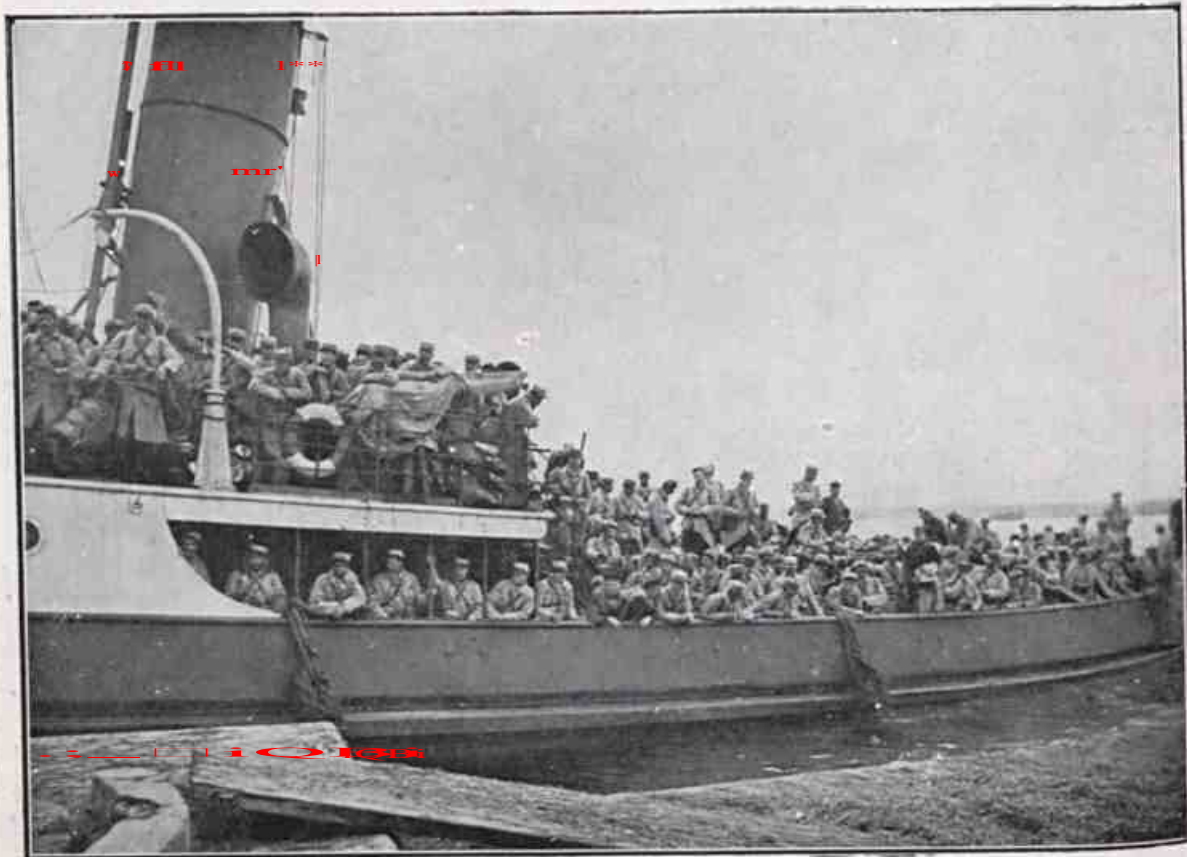
CARNAVAL

Matinée infantil no theatro S. Pedro

Baile á phantasia no Club dos Bohemios

Baile á phantasia no Theatro Phenix

Baile á phantasia no Palace Club

Baile de sabbado ultimo no Restaurant Assyrio

SALONICA

Desembarque de infantaria franceza

Figuras e cousas de outras terras

GENERAL GALLIENI. — O general Joseph Gallieni, cujo nome ficará para sempre associado á salvação de Pariz em Setembro de 1914, nasceu a 24 de abril de 1849, contando, por conseguinte, quasi 67 annos de idade.

Foi educado na Escola Militar de Saint-Cyr, e serviu como tenente durante a guerra de 1870. Na conclusão de seus estudos militares, que foram interrompidos pelo serviço activo, Gallieni teve um longo tirocinio de experiencia colonial, tendo exercido importantes commissões no exterior. Serviu no Sudão, Tonkin e Madagascar, sendo governador desta ilha, de 1896 a 1905. No seu regresso á patria, assumiu o commando do 14º Corpo do Exercito e foi governador militar de Lyão. Foi ministro da Guerra, depois nomeado general de Divisão, governador militar de Pariz, e commandante em chefe do Exercito de Pariz. Nestes cargos elle deu exhuberantes provas de alto talento militar e estrategico. Foi Gallieni que salvou Pariz das garras dos Allemães, mantendo atraz da capital forças insuspeitas que completaram a victoria do Marne, atirando-se contra as hostes invasoras.

O general Gallieni, além de um verdadeiro soldado, é tambem um homem de sciencia, fazendo parte de varias sociedades geographicas e scientificas. A Sociedade de Geographia de Pariz concedeu-lhe uma medalha de ouro, por seus valiosos trabalhos, tendo recebido igual distincção de muitas outras associações.

Como Cesar, o general Gallieni trabalha tanto com a penna como com a espada, e em seus escriptos mostra-se não só um viajante observador, como erudito geographo e conhecedor dos problemas de colonização.

Seu primeiro livro intitula-se «Uma viagem no Sudão Francez, 1880-1881». Publicou depois «Duas campanhas no Sudão Francez, 1886-1888». Estas datas coincidem com sua residencia naquella região, sendo taes obras um completo relatorio de sua vida official.

Um dos interessantes livros de Gallieni refere-se á sua administração no Tonkin (1894-1895) ; e este foi seguido por uma memoravel serie de escriptos sobre Madagascar, onde elle residiu nove annos, de 1896 a 1905. Em 1908 publicou «Nove annos em Madagascar».

Quando se suggeriu a evacuação da capital franceza, deante da formidavel avalanche allemã, Gallieni proferiu a phrase historica : «Pariz póde defender-se !»

E assim o provou brilhantemente.

* * *

O MAESTRO NEGRO. — O escriptor inglez W. C. Berwick Sayers acaba de publicar num volume a vida e as cartas do celebre musico Samuel Coleridge-Taylor.

O biographado era filho de um negro da Africa Occidental que fôra á Inglaterra, onde se formara em medicina, casando-se depois com uma senhora ingleza. Despeitado por sua falta de successo na profissão medica, o negro voltou para a Africa onde pouco depois morreu, deixando a viuva e um filho pequeno.

Tendo sua mãe se casado de novo, o menino foi enviado á Inglaterra aos cuidados de uma familia operaria, em cujo seio era carinhosamente tratado. E foi bastante feliz para despertar o interesse do coronel Walters, então mestre-côrista da Egreja Presbyteriana em Croydon, o qual o fez estudar no Real Collegio de Musica, onde o menino manifestou-se logo um brilhante talento e um estudante applicado.

Coleridge-Taylor não tardou em patentear um admiravel dom de composição, reconhecido unanimemente pelos criticos, que o sagraram um genio musical.

Após a composição do «Canto de Hiawatha», elle se tornou o favorito do publico amante da musica, e assim permaneceu até a sua morte, na idade de trinta e sete annos.

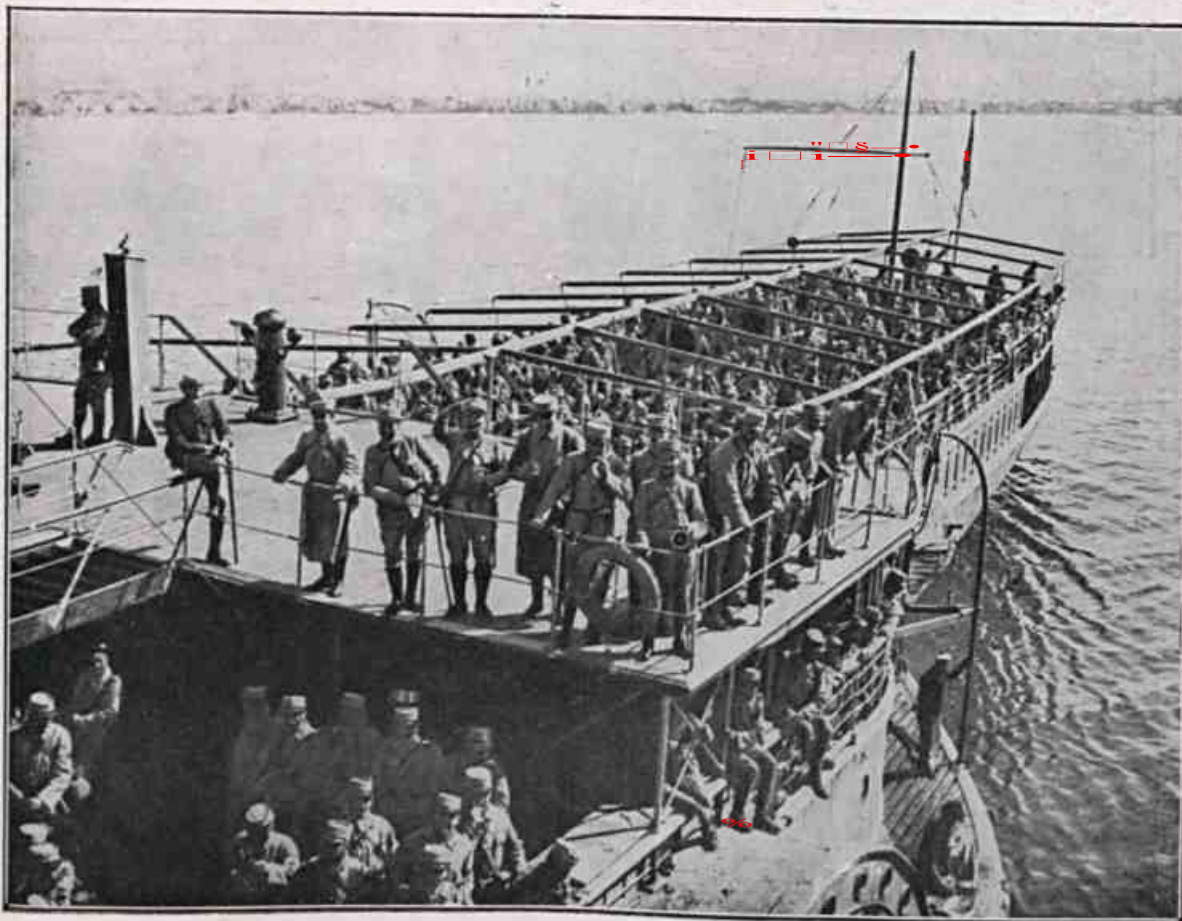
Quando era ainda jovem, Coleridge-Taylor tinha um grande desgosto de sua origem africana e de sua côr preta. Com o correr dos annos, porém, o genial artista mostrava-se mais philosopho, por sentir que, atravez da divina arte musical, elle estava prestando um serviço indirecto á sua raça, victima innocente dos preconceitos sociaes. Elle desejava fazer pela musica negra o que Brahms fez pela hungara e Grieg pela norueguesa.

Como assignalou o dr. Booker Washington, Coleridge-Taylor «prestou um real serviço, demonstrando á gente de côr as possibilidades da sua raça».

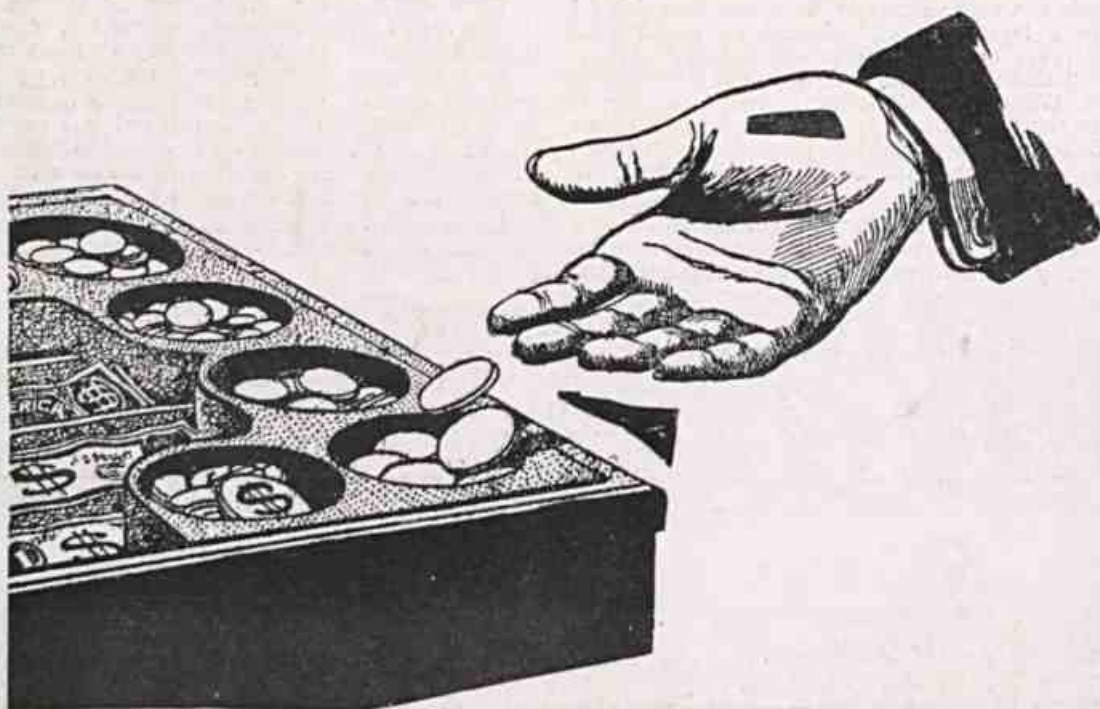
Está claro que o auctor inglez se refere aos mestiços que ha, embora em pequena quantidade, na «loura Albion». Porque, no Brasil, por exemplo, estão ha muito constatadas as «possibilidades» dos homens de côr, em todos os ramos da actividade humana, nas sciencias, nas letras e nas artes.

E são tantos os exemplos neste sentido, que a difficuldade está em cital-os.

* * *

SALONICA

Desembarque de um regimento francez

Sr. commerciante:

Não atire o seu dinheiro na gaveta,
sem primeiro anotar a importancia.

Uma caixa registradora "National" do ultimo modelo: Toca uma campainha, abre a gaveta, conta o dinheiro que recebe e deixa uma anotação impressa e inalteravel, até o ultimo vintem que passa pelo balcão.

V. S. trabalha muito para ganhar dinheiro; deixe que uma das nossas caixas registradoras proteja o seu dinheiro. Emquanto está demorando para resolver comprar uma, está perdendo dinheiro.

Matinée infantil no Palace Theatre

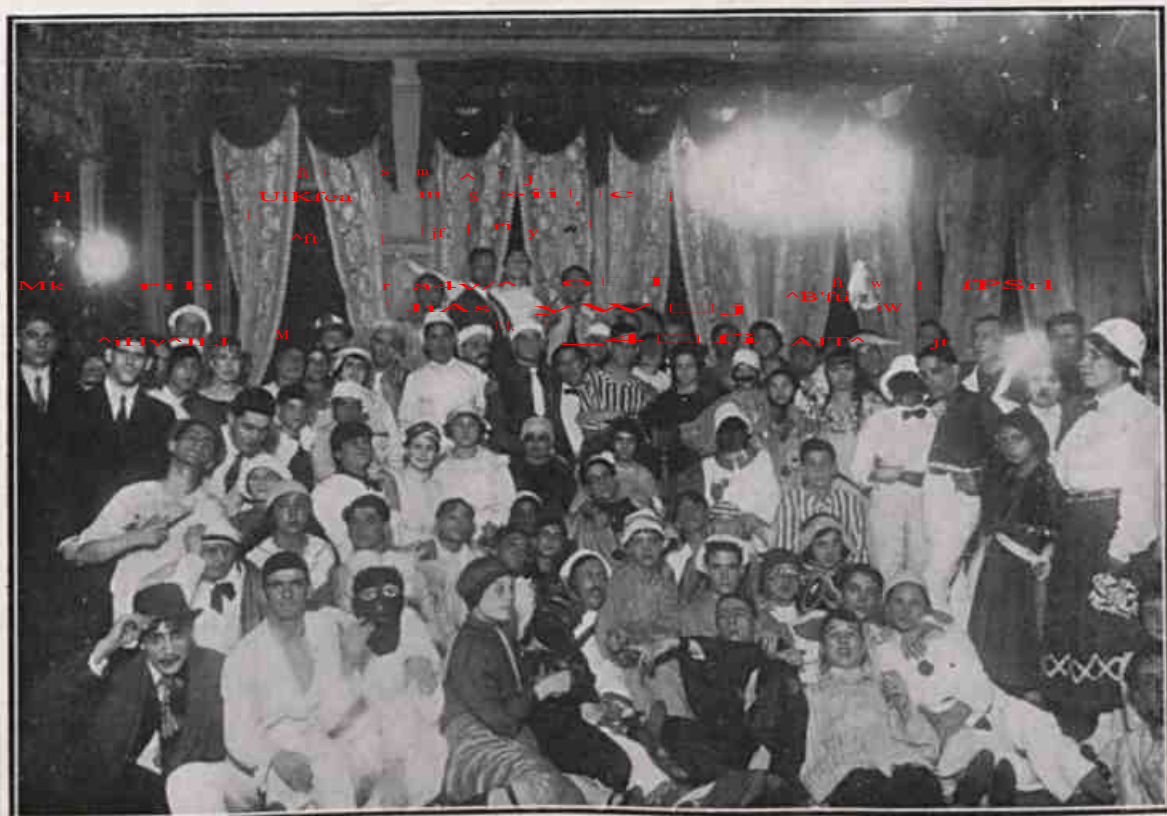
Matinée infantil no Theatro Recreio

Baile á phantasia no Club 24 de Maio

Matinée infantil no Theatro Recreio

O baile roseo no Assyrio, a mais fina festa carnavalesca deste anno

Baile no Club de S. Christovão

Baile no Club dos Democraticos

Baile no Club dos Fenianos

SALADA DE FRUCTAS

Conforme as ultimas estatisticas ha nos Estados Unidos cerca de 22 milhões de alumnos nos institutos de educação.

•

Como medida preventiva contra a peste bubonica, a Camara Municipal de Manilha (Philippinas) acaba de publicar uma lei decretando que, de ora em diante, todos os edificios que se construirem na cidade, sejam á prova de ratos». São expressamente prohibidos os tabiques e as paredes ouças.

•

Os elevadores da Camara Municipal de Nova York transportam, num dia, cerca de 35 mil pessôas.

•

Existem seis importantes cemiterios para cães; um em Londres, um em Pariz, um em Dedham (suburbio de Boston) e os tres restantes no Estado de Nova York.

•

O numero de cégos no mundo, antes da grande guerra, era calculado em 2 390.000. Como se sabe, a conflagração européa tem augmentado muito o numero desses infelizes.

•

A primeira vez que os navios inglezes usaram de canhões foi no cerco de Calais, em 1345.

•

Calculou-se que, com a actual guerra, a média da vida de um cavallo na «front» é apenas de dois mezes. E a do homem, quanto será?

•

Na Russia annualmente attingem a idade do serviço militar 1.300.000 pessôas.

•

O menor jornal do mundo é uma gazeta publicada diariamente na ilha de Norfolk, Oceania, (estação do cabo submarino) a qual nunca contem mais de cem palavras, todas relativas ao cabo. Deste jornal só se tiram tres exemplares: um é enviado á Estação Central, e os outros dous são expostos em um quadro na parede, á disposição do publico.

TUBARÕES GIGANTES. — A baleia é indiscutivelmente o maior dos seres que povôam o mar; mas ha tambem uma especie de tubarões que pódem comparar-se com ella em tamanho. Estes tubarões gigantes são muito raros e chamam-se vulgarmente tubarões-baleias. O seu comprimento é de 15 a 16 metros e vivem nas aguas da India, Perú, e Baixa California. Ha outra especie de dimensões eguaes, que vive no Oceano Arctico.

Por mais extranho que pareça, estes monstros são completamente inoffensivos. Têm os dentes muito pequenos e alimentam-se apenas do que fluctúa na superficie do mar.

AS INSTALLAÇÕES CHICS E OS MOVEIS DE ARTE

Installação da "Produce & Warraut C.ª" á rua de S. Bento n. 19. Executada pela casa A Independencia á rua do Theatro n. 1

Grupo de 3 peças "typo maple"

CASA COLOMBO

AVENIDA E OUVIDOR

513 — Chapeos de linho ultimos modelos... 20$000

Blusa etamine bordado alta novidade 20$000

Saia de linho preguiada .... 25$000

Botinas camurça branca ultima novidade........ 26$000

514 — Chapeo linho com festoné .... 16$000

Blusa etamine bordada .... 13$000

Saia algodão sarjado feitio moderno... 12$500

515 — Chapéo tafetá preto modelo chic... 30$000

Blusa seda japoneza lavavel, guarnecida de ponto a jour...... 26$500

Saia sarja de lã, feitio moderno... 30$000

TUDO PARA SENHORAS

A questão delicada e esthetica da entrada de mulheres para a Academia de Letras foi discretamente ventilada e posta em publico durante tres noites — as tres noites de Carnaval.

Uma poetisa celebre pelo seu terno amor aos passarinhos que revôam pelas florestas e prados da sua conferencia, appareceu nos devidos lugares vestida á academica, trazendo, em vez das calças de marmanjo dos immortaes, uma garrida saia de amazonas.

O exito que coroou a tentativa levará a questão ao glorioso recinto academico, onde, hoje, será resolvida.

Com effeito, o Conde Carlos de Laet vae, na tarde deste sabbado, propor que as escriptoras tenham entrada na Academia como convivas dos deuses, nas festas oratorias que alli se realisam, quando a morte de um permitte a glorificação de outro immortal.

Na quarta-feira, sob a fórma de cinzas, foram espalhados por toda a cidade os cansaços orgiacos do Carnaval, que tinham, outr'ora a denominação generica e popular de *ressaca*.

Entre amigas intimas

— Amanhã é o dia dos annos do meu noivo, e eu queria fazer-lhe uma surpreza. Vê se te lembras de alguma cousa que o possa surprehender...

— Mostra-lhe o teu attestado de idade.

O eminente poeta Luiz Murat, sentindo-se magoado com os injustos commentarios baseados num desautorisado engano que não se sabe como se originou, em carta dirigida ao sr. Rodrigo Octavio, declarou que declina do encargo de receber, na Academia de Letras, o illustre poeta Emilio de Menezes, eleito, ha um anno, para a vaga aberta com a morte de outro distincto poeta — Lucio de Mendonça.

Attribuia-se a demora da recepção do sr. Emilio de Menezes ao sr. Luiz Murat, á meia voz accusado de não ter escripto a resposta devida ao discurso do novo academico, e como isso não é exacto, porque o sr. Murat ainda não recebeu a oração do sr. Emilio, o laureado autor das *Ondas* acha que a accusação é injustificavel e para não arcar com a responsabilidade de culpas alheias, desiste da honra de apadrinhar o glorioso autor dos *Poemas da Morte*.

MORALIDADE

— O cidadão não póde cantar versos indecentes e por isso vae para o xadrez.
— Quando a classe estiver toda reúnida nós faremos um *Zé pereira de immoraes*.

*** Puseram um dominó no meu gallo! — Ouvindo estas palavras, o doctor delegado ergueu, com espanto, o busto e, de espanto, esfregou os olhos; cravou-os na pessôa que falava e, reconhecendo-a, convidou: «Sente-se, Sr. R.» Mas o Sr. R, indignado, com a face côr de purpura e um incendio a arder nos olhos, não queria sentar-se. Vinha pedir providencias á policia e, passeando de um para outro lado, enchia a sala da delegacia com o echo sonoro dos seus passos. O doctor delegado, vendo que se tratava de um caso grave, disse: «A sua primeira phrase desconcertou-me. Deve ser uma expressão de gyria. Queira expor o facto.» O Sr. R., firme, repetio: «Puseram um dominó no meu gallo.» A autoridade, impallidecendo de surpreza, declarou: — «Não comprehendo. Que mettessem a sua criada num dominó e a levassem a um pagode, eu comprehenderia. Mas o seu gallo, é extranho! Quem sabe se gallo é o nome de alguma pessôa?» Não, não era o nome de uma pessôa, era o legitimo nome do verdadeiro pae dos pintos. Com uma certa duvida sobre o estado mental do queixoso, o illustre sustentaculo das columnas da ordem pedio mais uma vez: «Exponha o seu caso!» O Sr. R., depois de estabelecer que o caso não era seu, porem do seu gallo, contou: «Aprecio as rinhas e possuo finos gallos de raça nobre. Tenho, entre elles, um que nasceu empellicado e nunca foi vencido. Por isso, é o terror dos rinhadores cariocas, a inveja dos meus rivaes e o orgulho do meu terreiro. Não ha dinheiro que m'o pague. Nesse gallo, doctor delegado, na terça-feira gorda enfiaram um dominó e, sob as minhas vistas, levaram-n'o á pandega. Só percebi a cousa na quarta-feira de cinzas, quando o encontrei, de volta, como eu, da festa, de crista murcha e bico cahido sobre o dominó rasgado.» O doctor delegado respirou: «Caro Sr. R., não exagere. Certamente não levaram o seu gallo á pandega.» O reclamante, dando um passo largo na direcção da mesa delegacial, exclamou: «Sim, levaram-n'o á pandega.» A autoridade sorrio: «Não me consta que houvesse baile carnavalesco em nenhum poleiro.» Dois guardas civis deram uma risadinha. O dono do gallo disse: «Não digo que houve baile no poleiro mas affirmo que o meu gallo foi á pandega.» Perdendo a paciencia, o mantenedor da calma nas ruas bradou: «Sr. R., não abuse da consideração que lhe dispenso. Que pandega fez o seu gallo?» Aclarando mysterios, respondeu o Sr. R.: «O meu gallo é um gallo nobre. Não percebeu? Ainda não sabe que pandega fez? O' meu caro delegado, fez ovos.» Então, revestindo-se de toda a sua dignidade, o Dr. delegado, dirigindo-se aos guardas civis, declarou, imperativo: «Trata-se de um caso novo e importante. Vae nascer uma nova theoria juridica. Mettam no xadrez as gallinhas da zona.»

Tens um chapéo de verão
Sobre a ausencia dos cabelos,
Cuida dos teus miol-os: não
Vai, sem os possuir, perdel-os.

— Vês aquelle rapaz? E' um papa-jantares, um filante de charutos e bebidas, uma lingua de vibora...

— Emfim, é um homem que sempre abre a bocca á custa do proximo.

Telegrammas que não chegaram ás nossas mãos por terem sido retardados pela *cansara*, descrevem com a viva *cor do sangue* o grande *carnaval* epico realisado no campo entrincheirado de *Verdun*. No proximo anno, quando forem despidos os *latos* vestidos pelos *mortos* de agora, publicaremos, com aquelles telegrammas, a completa descripção da *festa* que tanta alegria está causando a Satanaz.

O' colombina, chegou
Do castigo o dia, enfim.
— Tu que, enganaste Pierrot,
Tu illudiste Arlequim.

!

No Rio de Janeiro, desdobrando-se em ramificações que as entendem, como ávidos polvos insaciaveis, pelo Brasil inteiro, funccionam duas ligas, — uma que recolhe obulos para os alliados, outra que pede esmolas para os germanos.

Os alliados e os germanos que pedem e acceitam esses generosos beneficios, apezar da catastrophe que, sem a minima culpa nossa, desabou e lhes peza no espinho, estão em muito melhores condições do que nós.

Estas ligas, cuja principal missão é manter, no seio de um paiz neutro, a flamma de uma rivalidade internacional e nella envolver os nossos patricios, quando a guerra acabar, fecharão a bolsa de pedintes e deixarão de funccionar sem terem prestado, ao nosso paiz, o menor serviço.

O allemães, se forem vencedores, nunca se esquecerão dos trabalhos, em pról dos seus inimigos, feitos pela liga dos alliados e estes, se triumpharem, lembrarão os serviços prestados á causa adversa pela liga em favor dos tedescos.

Que fazer ? Acabar com as ligas ? Não seria possivel. As duas ligas são formadas por paladinos que nasceram para servir a especie humana e a que nenhuma consideração levará a trahir os seus deveres para com ella.

Devemos, pois, para tornar uteis ao nosso paiz essas ligas de benemeritos da França e da Allemanha, coordenar os nossos esforços para alcançar dois simples fins.

Em primeiro lugar tratemos de conseguir que os membros das duas ligas consideram o brasileiro como ser filiado a especie humana, e o Brasil como uma parte da humanidade.

Obtido esse resultado, tratemos de transferir para Berlim, desdobrando-se atravez das terras germanicas e para Londres, ramificando-se para os paizes alliados, as duas importantes ligas, que nessas nações, muito mais ricas do que a nossa, tratarão de pedir para nós com o mesmo ardor com que nos pedem para os outros.

— Onde vaes com tanta pressa, carregando essa caixa ?

— Levar á minha mulher um chapéo que acabo de comprar.

— E por isto vais correndo ?

— Sim, si eu demorar um pouco, quando chegar á casa ella me dirá que já passou da moda.

Disciplina e ordens difficeis de cumprir

— E' o soldado 43, da 3ª companhia, do 59º regimento que, tendo desertado, estava se banhando no rio mais proximo.

— Arranque-lhe as divisas.

CARTAS DE UM MATUTO

Comadre, oncê não carcúla
Como eu estou esbandaiado
Co'as festa do Carnavá
E os baile de mascarado.
Ando perrengue e moido,
De estambo todo embruiado,
De tê bebido tres dia
E de tanto tê brincado.

Ora veja, siá Thereza !
Apezá da minha idade,
Eu não pude arresisti
A' loucura da cidade.
Fui sempre um home sisudo
Toda a minha mocidade,
Pra ficá, despois de véio,
No meio dessas novidade !

Nesses tres dia chamado
Entrudo ahi no arraiá,
O povo aqui fica doido,
Fóra do estado normá.
Ha uma mudança completa
Nos modo do pessoá,
Que só pensa nesse tempo
Em cantá, bebâ, dansá.

Domingo, ás ave-maria,
Eu, no largo do Machado,
Quando pulava num bonde,
Dou de cára co'o Sargado.
Oncê deve alembrá delle :
Aquelle moço espigado
Que arranchou na nossa casa
Em março do anno atrazado.

— «Oh Coroné ! por aqui ?
Bons óio veja vancê !
Tá tombem se devertindo ?
E' coisa que custa a crê!
Si vae inti na Avenida,
Tem companheiro, pruquê
E' pra lá que eu tombem vou,
Pro Carnavá, como vê».

Assim me disse o Sargado,
E, ouvindo aquellas bravata,
Eu alembrava furioso
As suas maneira ingrata.
Arranchado em minha casa,
Fugira mais a Honorata
(Ama secca de meus neto)
Levando os taié de prata.

Se dizia elle cometa,
Agenciadô de ferrage,
E ahi fez, oncê se alembra,
Umas pouca ladroage.
Mais é moço tão gradave,
De tão bonita linguage,
Que eu quiz logo fugi delle,
Mais porém cadê corage ?

Não tomei sastifação
Do roubo da rapariga,
Pois, como sabe, a Honorata,
Era uma peste, uma espiga.

Nos taié não quiz fallá,
Pruquê não gosto de briga,
E ansim fumo conversano
Como umas pessoa amiga.

Chegando o bonde na Lapa,
Nós tivemo que apeá,
Havia um povão tão grande
Que mal se podia andá.
Um prefeito formigueiro
De gente a tagarellá :
Homes, meninos e véio
A berrá e a dançá.

O Sargado, segurando
Com força na minha mão,
Disse : «Vomo, coroné,
Rompê nessa confusão.
O'ia a carteira e o relojo,
Que os gatuno e os ladrão
Trabáia sem perdê vasa
No meio dessa multidão».

Fumo rompeno e furado
Tomando empurrões e tranco,
Inté que afiná chequemo
Na Avenida Rio Branco.
Mais os meus pé foi pisado
De tanta bota e tamanco,
Que fiquei bem machucado,
Puxano as perna, de manco.

Ah comadre / que lindeza
Tava entonce a Avenida!
Povo como nunca vi
Na minha já longa vida.
Tava claro como dia,
E aquella gente espremida

Sartava, ria e gritava
De maneira desabrida.

Uns jogava uns pedacinho
De papé de muitas cô
Que elles chama aqui confetti
E cahe na gente sem dô.
Mais outros c'uns canudinho
De vidro (veja que horrô !)
Xeringava os ôio aberto
De quarquê dama ou sinhô.

Muitos, de baixo da rua,
Ou de riba das jinella
Desenrollava umas fita
De papé, de umas rodella.
Tanto profume e calô,
Tanta gente tagarella
Me fizéro senti logo
Um bôlo subi nas guela.

Me vendo empallidecê,
O Sargado ansim fallou :
— «Que é isso, siô Coroné ?
Tá sentindo arguma dô ?»
— «Tou cansado e meio tonto
E agóra pra casa vou».
— «Isso não é nada, meu véio,
São effeitos do calô.

Vomo bebê quarquê coisa,
Que oncê fica logo bão,
Uma cerveja gelada
Ou refresco de limão.
Deixa a tristeza de lado,
Não se desanime, não ;
Hoje é dia das esbornia,
Das dança dos patacão !»

Tomemo um trago de vinho
E comecemo uma orgia
Tão braba que atravessou
Tres noite inteira e tres dia.
Comemo e bebemo tanto,
Fizemo tanta folia,
Que eu andava como num sonho,
Sem sabi' qui que eu fazia.

Me alembro ansim vagamente
Duma dóse de passeio
Que fizemo de ótómóve
Com damas de muito asseio.
Divertimo e maxixemo
Nuns salão de gente cheio,
Nos theatro da cidade:
S. José, Apollo, Recreio.

Na terça-feira de noite,
Como eu tava quasi são
De mias perna machucada
E do terrive pifão,
O bom Sargado me disse:
— «Agóra que oncê tá bão,
Vamo entrá num crúbe chic
Mais não me envergonhe não».

Fumo á rua dos Andrada,
Num baile de mascarado;
Eu c'um narigão postiço,
E de ócros preto o Sargado.
As dança tava tão forte
E tudo tão animado
Que me deu um frenesi
De entrá tombêm no bailado.

Vendo que eu quiria dança,
Gostando dessas bravata,
Sargado me trouxe logo
Uma fremosa mulata.
Bastou que ella me dissesse:
— «E' tenente ou democrata?»
E eu logo arreconheci
A voz da nossa Honorata.

No principio eu quiz zangá
Com aquella desvergonhada
Que fallava a seu patrão
Com voz tão acanaiáda.
E cheguei mêmo a gritá:
— «Mais respeito, sua safada!»
Sargado me segurou:
— «Deixa dessas matinada!»

Com medo dum grande escandlo
E de i drumi na prisão,
Soceguei, fiquei tranquillo
E me mostrei bonachão.
Convidei mêmo a Honorata
Pra ceá uns camarão;
E só de vinho Rio Grande
Tomêmo dois garrafão.

O que assucedêu despois
Não lhe posso mais contá:
Nessa noite — que vergonha! —
Bebi inté escorná!
Na quarta-feira de Cinza,
Quando eu quiz se levantá,
Achei-me trancafiado
Num posto policiá!

Com muita difficurdade
Pude sahi da prisão,
Pois eu déra no Sargado
Uma dentada na mão.
Um sordado ansim me disse,
Que eu não alembrava não.
Comadre, que vergonheira!

Tiburcio d'Annunciação.

Guerra aos estabulos

— E' o que lhes digo. *Tambaim* os graúdos cá da terra tinham *baccas* p'los quintaes. Eu *bain* digo que está tudo *abaccalhado*.

Gregos & Troyanos

FRANCISCO JOSÉ I, imperador da Austria e rei da Hungria, é um velho soberano que vive á mercê da fatalidade, entre a bocca da cova e as tragedias de sua dynastia, como um rei lendario.

Dizem que S. M. é uma alma bôa e coração sensivel, mas tantas são as desventuras que o tem torturado, que o coração de S. M. murchou e a alma dissolveu-se nas cinzas apavorantes de seu passado.

PROVERBIOS E ANNEXINS EM DOSES HOMOEOPATHICAS

— Pregar no deserto, sermão perdido.

— Mais vale o rôgo do amigo que o ferro do inimigo.

— Quem de todos é amigo, ou é muito pobre ou é muito rico.

— O melhor dos dados não é jogal-os.

— Com a mulher e o dinheiro, não brinques, companheiro.

— Julga pelas acções, não pelos dobrões.

— Encurta desejos e alargarás a saúde.

— A tudo se póde atrever, quem tudo sabe soffrer.

— A meninos e a santos do altar, não promettas para faltar.

— Conhece-se o domingo na missa e na mesa.

— Uma agulha para a bolsa e duas para a bocca.

— A isca é que engana, e não o pescador nem a canna.

MARICÁ JUNIOR